

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR E PAULO COELHO: A TENSÃO DOS DOMÍNIOS NO SUPLEMENTO CULTURAL *LETRAS DA FOLHA DE S. PAULO*

Rafael Zamperetti Copetti
NELIC/ UFSC

"O Calhauzeiro escreverá uma nota curta sobre o livro [...]. A tudo isso, o que restou do resenhista [...] afixará uma marca: um asterisco para indicar aprovação, uma cruz para indicar reprovação."

Virginia Woolf

Nesta comunicação me proponho mais a apontar possíveis caminhos para se pensar as principais tensões que permeiam o suplemento cultural *Letras* do jornal *Folha de S. Paulo* do que reduzir a discussão através da apresentação de conclusões definitivas a respeito do suplemento. Para tanto, apresento, a seguir, duas polêmicas que ilustram tais tensões, as quais podem ser percebidas através da coexistência em *Letras* de "bens simbólicos" oriundos dos domínios da alta cultura e da cultura de massa e, também, a partir da interpenetração dos domínios das críticas jornalística e acadêmica.

O estopim da primeira polêmica foi a resenha na qual Fernanda Scalzo e Fernando de Barros e Silva deliberadamente atacam as obras *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu; *Ua: brari*, de Marcelo Rubens Paiva; e, principalmente, *Brida*, de Paulo Coelho.¹ Para Scalzo e Barros e Silva, as obras em questão não seriam "best-sellers" por acaso, pois têm em comum "o fato de explorarem em graus variados um fetiche em moda na subliteratura: a modorra mística que parece agradar o gosto do leitor médio".

Barros e Silva, em nota da redação, tampouco poupa a coleção "Cantadas literárias", da editora Brasiliense, de cujo catálogo fizeram parte os livros *Morangos mofados*, de Abreu e *Feliz*

¹ SCALZO, Fernanda; SILVA, Fernando de Barros e. "Best-seller brasileiro explora tema místico". In: *Letras*, 25/08/1990, p.4.

ano velho, de Paiva. Para Barros e Silva, o acerto da Brasiliense foi apresentar ao público a possibilidade de conciliar "leitura e prazer imediato", pois a editora investiu em "temas do cotidiano e textos fáceis para arrebanhar um público sem cultura e carente de referências literárias".

Paiva, em sua réplica, além de afirmar que a crítica jornalística não está interessada na obra em si; pelo contrário, manipulada por interesses comerciais, encontra-se atenta a questões mercadológicas, se diz admirado com a independência do caderno de cultura da *Folha*, onde, segundo afirma, "qualquer um pode escrever sobre literatura, sejam eles oriundos da Metodista, Cásper, ECA ou PUC".² Em seu texto, o escritor tenta ainda, enfaticamente, defender o colega Paulo Coelho, afirmando que sua obra é literatura, pois o mesmo "soube se comunicar", e, também, que "o público quer lê-lo, agradecer a digestão, fácil ou não" de sua obra.

Partindo para a tentativa de legitimação de *Morangos mofados* e *Feliz ano velho*, Paiva evoca nomes como Walt Whitman e Ana Cristina César com o intuito de mostrar que a coleção "Cantadas literárias" não é uma "coleção de textos fáceis para arrebanhar um público sem cultura", como afirmara Barros e Silva em nota da redação.

Para Barros e Silva, em sua tréplica, Paiva, que não possui obra que lhe dê respaldo para defender escritores como Walt Whitman ou Guimarães Rosa, vale-se da "tentativa heróica" de defesa de "um 'clube imaginário' de escritores injustiçados" para desqualificar a crítica jornalística. Ainda segundo Barros e Silva, a defesa por parte de Paiva do "outro guru dos freqüentadores de shopping centers que alguns preferem chamar de escritor", Paulo Coelho, deve-se ao fato de Paiva nunca ter existido como escritor, talvez somente como guru, pois, caso soubesse o que é literatura não se valeria do fato de Paulo Coelho "saber se comunicar" para

² PAIVA, Marcelo Rubens. "Não existe mais método para a crítica jornalística". In: *Letras*, 27/10/1990, p.6.

afirmá-lo como escritor. Já Scalzo, em nota da redação que compõe a tréplica, afirma que a recepção é diversa para cada obra, pois a crítica "não é um saco de farinha, onde cabe tudo".

Nesta discussão se destacam principalmente Fernanda Scalzo e Fernando de Barros e Silva em virtude do êxito obtido ao apontarem a incongruência do discurso de Marcelo Rubens Paiva; e, em menor grau, Paulo Coelho e o próprio Paiva, pois os dois autores, de alguma forma, foram contemplados com um pouco mais de publicidade para suas obras dentro de *Letras*. Principalmente Paulo Coelho que, no último caderno publicado em 1990, exprime ao lado de outras 15 "personalidades", entre elas João Cabral de Melo Neto, Marilena Chauí, Lya Luft, Moacyr Scliar e Renato Janine Ribeiro, sua opinião acerca dos melhores livros do ano, os quais, segundo ele, coincidentemente são *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, *Ua: brari*, de Marcelo Rubens Paiva e, finalmente, *Brida*, do próprio Coelho.³

Em relação a Caio Fernando Abreu é possível pensar que talvez tenha sido o grande prejudicado desta polêmica, apesar de seu *Onde andaré Dulce Veiga?* ter merecido pequena resenha junto a diversas outras obras (algumas delas escritas por autores já consagrados) em virtude da proximidade do natal daquele ano.⁴ Enquanto os outros dois autores continuaram praticamente ignorados pelo jornal no que se refere à divulgação de suas obras, Abreu, que até então vinha sendo bem recebido nas páginas de *Letras*, parece ter sofrido um revés que pode ter prejudicado a imagem de escritor sério que vinha sendo construída com a ajuda do próprio *Letras*.

Esta discussão evidencia a existência de uma certa indecisão acerca do tratamento a ser dispensado aos autores divulgados no suplemento, pois, por um lado, os autores em questão são duramente atacados e, por outro, contemplados, em maior ou menor grau, com espaço para a

³ CARONE, Silvia et al.. "Personalidades escolhem os melhores do ano". In: *Letras*, 29/12/1990, p.7.

⁴ *Letras*. "Escolha seu presente de Natal entre os melhores do ano". In: *Letras*, 15/12/1990, p.4-5.

divulgação de suas obras, o que pode estar relacionado, entre outros aspectos, tanto ao ritmo frenético das redações de jornal, que impediria uma "melhor sistematização das idéias", ⁵ quanto à pressão exercida pelo mercado editorial. ⁶

No outro extremo do que se poderia chamar por ora de "natureza do debate" presente em *Letras*, encontra-se a querela envolvendo o crítico e então embaixador brasileiro junto à UNESCO José Guilherme Merquior, o resenhista Ricardo Musse e o jornalista e escritor Bernardo Carvalho. ⁷

A polêmica resenha de Ricardo Musse, que discute a coletânea *Crítica 1964-1989*, de Merquior, tem como fio condutor a separação dos textos do "Merquior crítico literário do Merquior crítico da cultura". Para os textos do "Merquior crítico literário" o jornalista dispensa poucas linhas, afirmando que é possível a identificação de tais textos através de "um simples exame de seu método" e, também, que Merquior "está, sem dúvida, mais próximo da escola carioca do que do padrão instaurado na crítica literária paulistana por Antonio Candido". No que tange ao "Merquior crítico da cultura", Musse é mais incisivo. Diz:

"Na dúvida entre ser crítico ou erudito, opta pela superficialidade. Merquior utiliza-se da terminologia filosófica sem controle conceitual, ou mesmo, senso histórico, manipulando conceitos sem referência e vinculando pensamentos sem mediações. Assim, abundam em seus textos generalizações apressadas que colocam, por exemplo, Marx e Platão como pertencendo a uma mesma escola". ⁸

⁵ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. "Repórteres mantêm vícios de jornal em livro". In: *Letras*, 20/10/1990, p.6.

⁶ O principal exemplo neste caso é Caio Fernando Abreu, o qual teve um fragmento de *Onde andará Dulce Veiga* publicado na seção *Primeira Leitura* e, em seguida, Paulo Coelho, o qual figurou junto a outros autores já consagrados.

⁷ MERQUIOR, José Guilherme; CARVALHO, Bernardo. "Em seu 20º livro, José Guilherme Merquior ataca 'paradigma formalista'". In: *Letras*, 03/11/1990, p.4-5./ MUSSE, Ricardo. "Livro expõe crítica da cultura às avessas". In: *Letras*, 03/11/1990, p.4-5.

⁸ MUSSE, Ricardo. "Livro expõe crítica cultural às avessas". In: *Letras*, 03/11/1990, p.4-5.

Continua o resenhista, agora referindo-se às posições de Merquior em relação à modernidade:

"No afã de se dotar de uma perspectiva histórico-filosófica da totalidade da cultura ocidental, Merquior recai numa obsessão: a afirmação reiterada de que o cerne do modernismo ocidental, ao contrário do que se pensa, não foi libertário, mas foi, culturalmente, e à vezes, mesmo politicamente, reacionário.

Essa concepção é uma idéia chave que preside a articulação de todos os seus textos de crítica cultural desde a apologia de Goethe até a recusa do paradigma 'contracultural' da crítica moderna. Aliás, no figurino redutor de Merquior, toda e qualquer crítica à modernidade nada mais é do que um ressaibo de irracionalismo romântico."⁹

Em sua réplica, apesar de referir-se em um primeiro momento fundamentalmente ao texto de Musse, Merquior não perdeu a oportunidade de atacar a Universidade, além de Bernardo Carvalho (nesse caso, ao que parece, usando como pretexto uma falha ocorrida durante a transcrição da entrevista). É importante frisar que Merquior procura, antes de principiar a discussão dos pontos controversos da resenha, desqualificar o crítico e, também, a Universidade. Diz:

"O resenhador de minha antologia [...] é apresentado como um jovem 'doutorando em filosofia na USP'. Não sei se aos doutorandos em 'filô' da USP se exige saber ler antes de pretender julgar. Em caso positivo, temo pelo doutoramento de Musse, porque as liberdades que tomou com o texto alheio não são de molde a inspirar confiança."¹⁰

No que se refere aos argumentos da resenha de Musse que suscitaram discórdia,

⁹ Idem.

¹⁰ MERQUIOR, José Guilherme. "Resenhador de 'Crítica' foi apressado e redutor". In: *Letras*, 17/11/1990, p.6.

Merquior sustenta sua defesa baseando-se em três pontos: 1) a recusa das "generalizações apressadas e levianas" tecidas pelo resenhista (leia-se a afirmação de que "no figurino redutor de Merquior, toda e qualquer crítica à modernidade nada mais é do que um ressaibo de irracionalismo romântico", e a omissão do contexto, por parte de Musse, quando este escreveu que Merquior incluiu Marx e Platão na mesma escola); 2) o combate à acusação de ter obsessão pela "denúncia do elemento reacionário no modernismo estético"; 3) a rejeição da existência do "animal bizarro" que seria a suposta escola crítica carioca.

Farpas da agressiva réplica de Merquior atingiram também seu entrevistador, o jornalista Bernardo Carvalho, que teve seu nome ligado à "pura e simples ignorância" por desconhecer o poeta Metastásio, do Setecentos italiano, fato evidenciado por um erro de transcrição da entrevista. Em nota que acompanha a réplica de Merquior, Carvalho admite não só não conhecer Metastásio e não se envergonhar disto, em virtude de considerar de maior importância a leitura qualitativa em relação à quantitativa, como admite também a existência de problemas na transcrição da entrevista. No entanto, o jornalista acusa o embaixador de desconhecer, na ocasião da realização da entrevista, o texto "Das Unheimlich"¹¹, de Freud, que discute o conto *O homem da areia*, de Hoffman, o qual seria o objeto de um dos ensaios contidos em *Crítica*.

Em sua tréplica que dá seqüência do debate, além de se mostrar contrário ao que nomeia "concepção artesanal da produção intelectual" do "ultra-romântico enrustido" que seria Merquior (concepção entendida por Musse como sendo a necessidade de controle da produção, consumo e fruição de uma obra por parte do autor), o resenhista reage às acusações do crítico rechaçando duas questões levantadas por ele na réplica.¹² 1) O resenhista afirma que através da leitura da

¹¹ "A estranheza inquietante".

¹² MUSSE, Ricardo. "Merquior vê a folha da árvore e atira na floresta". In: *Letras*, 1º/12/1990, p.6.

réplica de Merquior pode-se perceber o que ele [Musse] pretendeu dizer com "generalizações apressadas". A este respeito escreve:

"Sem sequer me conhecer, a partir de uma só frase que me apresenta como estudante da USP, ele traça considerações genéricas sobre as minhas atividades escolares, o meu futuro acadêmico, a universidade, a imprensa, a situação da cultura no Brasil etc. Ao ver a folha de uma árvore, o nosso embaixador na Unesco apronta seus canhões e abre fogo - contra a floresta inteira . Foi essa facilidade metodológica que critiquei."¹³

2) no que tange à discussão relativa ao modernismo estético, Musse afirma não ter se mostrado contrário à análise da trajetória de Lukács feita por Merquior, mas sim ter afirmado que o crítico "fez da autocrítica de Lukács, do célebre posfácio de 1967 à *História e consciência de classe*, um paradigma para toda a compreensão da modernidade".

Escreve Musse:

"A modernidade estética, para Merquior, não teve na contracultura apenas um de seus momentos, mas deságua necessariamente na contracultura, possuindo em si o germe determinista que a gerou. Ao criticar esse descompasso entre o (bom) processo de modernização social e o (mau exemplo) do euromodernismo, o nosso embaixador Merquior parece ignorar que a acusação oposta também pode ser e já foi feita. Por ela, o modernismo estético é um mero apêndice da modernização social, é apenas uma apologia da sociedade tecnológica e da dominação tecnocrática. Ambas as acusações têm fortes argumentos ao seu favor, porém, eis a minha crítica, ambas fazem um recorte apenas unilateral da modernidade".¹⁴

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

Por fim, este debate se encerra em dezembro de 1990 com a publicação simultânea de um texto de Merquior¹⁵ e outro de Celso Lafer¹⁶, cerca de um mês antes do falecimento do crítico.

Em seu texto, Merquior volta a atacar o jornalista Bernardo Carvalho, que substitui Ricardo Musse como foco de suas investidas. Porém, desta vez, o ataque se dá principalmente a propósito do fato de o jornalista ter afirmado na já citada nota anexa à réplica de Musse que o crítico não conhecia o texto "Das Umheimlich", de Freud, fato que Merquior nega taxativamente.

Celso Lafer, no texto que terminantemente encerra este debate, entende que conceber Merquior como sendo um "um ultra-romântico enrustido", afirmar que ele "não entendeu Habermas" e sugerir que desconheça "o padrão instaurado na crítica literária" por Antonio Candido é desconsiderar o que é discutido em sua obra e, por fim, ressalta que há no discurso de Musse "um procedimento de desqualificação da obra de Merquior através de uma opacidade intencional da consciência, que é um dos aspectos menos iluminados da crítica ideológica".

A coexistência no mesmo veículo das duas querelas apenas expostas parece ser um sintoma da fragilização daquilo que Andreas Huyssen nomeou "Grande Divisor", ou seja, "o tipo de discurso que insiste na distinção categórica entre alta arte e cultura de massa"¹⁷, embora este mesmo "divisor" seja um dos argumentos utilizados nos debates.

No entanto, talvez o mais importante e ao mesmo tempo evidente ponto em comum entre estes dois debates seja a tentativa de desqualificação do crítico não acadêmico, que é atacado tanto pelo escritor quanto pelo crítico acadêmico: na primeira querela, os resenhistas são acusados de serem "qualquer um"; na segunda, é como tentativa de desqualificação do resenhista

¹⁵ MERQUOR, José Guilherme. "O poeta Metastásio, Sigmund Freud, Hoffman e outros detalhes". In: *Letras*, 08/12/1990, p.2.

¹⁶ LAFER, Celso. "Discussão exige 'calma para ver e honestidade para informar". In *Letras*, 08/12/1990, p.2.

¹⁷ HUYSEN, Andreas. *Memórias do modernismo*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p.9.

que a qualidade do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo e, conseqüentemente, da formação de seus egressos é questionada.

Porém, é a continuidade de ambos os debates que evidencia o respeito que a crítica acadêmica ainda detém, apesar de ter perdido espaço para a crítica jornalística; pois, se, de um lado, a réplica de Paiva é questionada pelo fato de o escritor não possuir obra que o respalde para defender escritores já consagrados, no caso de Ricardo Musse e sua resposta à réplica de Merquior, o que chama a atenção é o fato de o resenhista se colocar na defensiva, como se tivesse avançado o sinal e, portanto, só lhe restasse a autodefesa. Este aspecto do debate, e, também, de modo geral, o tratamento dispensado aos livros resenhados em *Letras*, parecem ser, respectivamente, o desdobramento da disputa iniciada nos anos 40-50 entre os antigos "homens de letras" do início do século XX e os críticos egressos das primeiras faculdades de Filosofia brasileiras, e da evolução da indústria cultural no Brasil, observada por Flora Süssekind em *Papéis Colados*. Diz:

"O que se percebe na década de 80 é que o crescimento editorial, ao contrário do que seria de esperar, se desestimula uma reflexão crítica mais atenta (já que o interesse primordial é vender livros, não analisá-los), estimula, por sua vez, nova ampliação do espaço para a literatura na imprensa. Isto é: espaço para a resenha, a notícia, para um tratamento sobretudo comercial do livro. É de se esperar então, que mais uma vez cresça o poder do crítico jornalista, do 'não-especialista', para retomar expressão adequada às discussões dos anos 40-50 em torno do rodapé. É possível prefigurar também outro duelo. De novo entre *scholars* e jornalistas. Com diferenças, no entanto. Dentre elas o fato de, sob o nome dos contendores, se acharem inscritos os dos veículos e instituições que naquele momento representam. E que podem se descartar de seus galos de briga sem maiores problemas. Porque a conquista de autoridade intelectual, depois do desenvolvimento da indústria cultural na escala em que se deu no Brasil desde os anos 60 em especial, não é mais entre dois intelectuais, como no confronto Afrânio Coutinho-Álvaro Lins. É entre 'instituições', entre formas de

produção e reprodução de dados. Entre imprensa e universidade, no caso. Entre duas máscaras da indústria da consciência, portanto."¹⁸

¹⁸ SÜSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p.32.